

Atos de escrita em blog como dispositivo de aprendizagem na formação de professores

K. R. A. Demoly¹; M. F. L. Chagas^{1,2}

¹DACS, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, CEP, Mossoró-RN, Brasil

² Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, CEP, Mossoró-RN, Brasil

Karla.demoly@ufersa.edu.br

(Recebido em 20 de maio de 2013; aceito em 24 de setembro de 2013)

Resumo: Este trabalho trata da discussão de uma metodologia de formação de professores no ensino fundamental que ocorre na dinâmica das conversações escritas em contexto informatizado. A didática considera a passagem para um novo modo de abordagem da realidade, com seus pressupostos de autoria e auto-organização. A pesquisa tem por objetivo compreender como as articulações entre os conteúdos da formação, as tecnologias e a experiência do conhecimento ocorrem nas escritas digitais, potencializando a emergência de experiências sensoriais, afetivas, cognitivas e estéticas. As produções e as narrativas que emergem no percurso de escrita dos professores permitem observar mudanças nas coordenações de ações que envolvem o ato de escrever. Temos um novo cenário em que o escrever acontece mediante emprego de objetos técnicos digitais. Para além de uma mudança de cenário, o que estamos experimentando é a potencialização da escrita na experiência que interconecta o ato de escrever, a constituição de si e o processo de construção de conhecimentos.

Palavras-chave: conversações escritas, tecnologias, conhecimento.

Conversations in written blog as a mode of knowing in teacher training courses

Abstract: This work deals with the discussion of a methodology for teacher training in elementary school that occurs in the dynamics of conversations written in computerized context. The didactic considers the passage to a new way of approaching reality, with its assumptions of authorship and self-organization. The research aims to understand how the joints between the training content, technologies, and expertise of knowledge occur in the writings digital, leveraging the emergence of sensory experiences, affective, cognitive and aesthetic. The productions and the narratives that emerge in the course of writing teachers allow us to observe changes in the coordination of actions that involve the act of writing. We have a new scenario where the writing happens through use of digital technical objects. Apart from a change of scenery, what we are experiencing is the potentiation of writing experience that interconnects the act of writing, of the constitution itself and the process of knowledge construction.

Keywords: written conversations, technologies, knowledge.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais vêm provocando mudanças nos processos que configuram o escrever e lançam desafios à escola e à formação de professores. A partir de um trabalho desenvolvido no Núcleo de Tecnologias Educacionais Municipal - NTM, temos nos interrogado sobre como podemos observar modos de conhecer através das produções escritas que emergem em ambientes virtuais de aprendizagem.

O quadro teórico para análise dos dados é construído a partir da Biologia do Conhecer de Humberto Maturana e de Francisco Varela (1997)⁽¹⁾, com ênfase para um dos pressupostos básicos que são as dinâmicas das conversações; a noção de ato de escrita proposta por Béatrice Fraenkel (2007)⁽²⁾ e os estudos de Simondon (1958; 1989)⁽³⁾ que permitem pensar em uma tecnoescritura na análise de produções escritas de professores.

Os dados referem-se a conversas escritas em blogs em que professores referem-se à experiência da aprendizagem no projeto intitulado *Multimídias em sala de aula*. Inicialmente procuramos explicar como se configura o campo de estudos da escrita como modo particular de linguajar. A seguir, trazemos a experiência que possibilita este trabalho, ao mesmo tempo em que as noções - atos de escrita, construção do conhecimento e invenção de si - são

aprofundadas. Ao final, apontamos as transformações que emergem da experiência de escritas de professores, focalizando as perguntas desencadeadoras de processos cognitivo-afetivos.

As tecnologias digitais têm incidido diretamente nas práticas de escrita, alargando seus sentidos e as formas como escrevemos. Experimentamos esteticamente novas tecnologias, interfaces, inscrições e, neste fazer, tornam-se importantes os processos de produção, socialização e de reinvenção permanente de, no caso deste trabalho, nós mesmos e o conhecimento.

A pesquisa tem por objetivo ajudar a compreender como as articulações com as tecnologias informáticas estimulam a tessitura destas redes de conversações escritas, potencializando a emergência de modos de escrever, mudanças cognitivas e afetivas que pudemos observar no contexto de uma experiência.

2. AUTONARRATIVAS DE PROFESSORES EM BLOGS COMO MODO DE CONHECIMENTO

A linguagem é este entrelaçamento de coordenações de fazeres e de emoções em nosso viver cotidiano. Uma escrita já produzida, assim como uma fotografia, pode congelar um instante do viver em uma rede de conversações. Ou seja, uma escrita é um momento, porém pertence a um âmbito muito mais amplo, a um espaço relacional-emocional.

O emocionar que observamos nas escritas não se refere apenas a sentimentos, mas justamente às coordenações de condutas que realizamos no fluir do escrever; em outras palavras, o emocionar situa-se como domínio de condutas relacionais que surgem nos distintos modos de linguajar, entre estes, situam-se as autonarrativas escritas.

Os estudos cibernéticos permitem explicar este *estar em redes conversacionais* como modo humano de viver-conhecer, a partir dos conceitos base como *auto-organização* e *acoplamento estrutural*. Heinz von Foerster (2003)⁽⁴⁾, potencializa, juntamente com as teorias da organização biológica de Humberto Maturana e Francisco Varela (1997)⁽¹⁾, uma perspectiva em que a ênfase é dada à coerência interna e à autonomia do objeto, organismo ou máquina complexa, chegando-se, conforme Dupuy, (1996, p. 47-48)⁽⁵⁾, a reduzir as relações dos sujeitos com o meio ambiente a meras perturbações, não portadoras de informações. O conhecer, para Varela (1997)⁽⁶⁾, se dá no espaço do “entre dois”, efeito de perturbações mútuas que fazemos quando estamos em interação.

Durante este mesmo contexto em que se tecem os estudos cibernéticos, nos deparamos com a brilhante obra de Gilbert Simondon (1958,1989)⁽³⁾, físico e filósofo que traz à discussão os modos de evolução dos objetos técnicos na relação com a experiência humana. O autor tece nos dois volumes de sua tese: “Du mode d’existence des objets techniques” e “L’individuation à la lumière des notions de forme et d’information” os conceitos de individuação técnica e individuação psíquica e coletiva, fortalecendo a perspectiva de que processos de individuação acontecem no transcurso da experiência, quando fazemos algo. O fazer humano envolve tecnologias que vão modulando percursos de conhecimento, sempre em estreita interconexão com os modos de configuração da vida que inventamos no caminhar.

Temos olhares de observadores que distinguem linguajando as circunstâncias do viver e, na explicação tecida com os diferentes modos de estarmos na linguagem, é que fazemos emergir os fenômenos. Estes não preexistem ao operar dos sujeitos em interação numa perspectiva da cognição.

Os atos cognitivos, dentre os quais a escrita que é nosso foco de discussão na pesquisa, se criam na inseparabilidade entre conhecer-viver, perspectiva que adotamos e que aprendemos a conhecer melhor a partir dos trabalhos de Humberto Maturana e de Francisco Varela (1997)⁽¹⁾. Por isto, o escrever implica em uma operação cognitivo-subjetiva, um linguajar - emocionar, em que podemos configurar novas inscrições transformadoras de realidades em redes de conversações.

As redes de conversação nas quais configuramos nosso viver são tecidas como um conjunto de condutas coordenadas com os outros através de múltiplas formas de linguagem onde, a cada retorno, pode ser produzida uma pequena diferença capaz de, em uma sequência histórica de

recursões, transformar a estrutura do viver e, por decorrência, suas produções. Ou seja, tornar possível a invenção.

Os humanos distinguem o que sucede no linguajar que pode acontecer na forma de escrituras. - Como fazemos o que fazemos? - Como escrevemos o que escrevemos?

O ato de escrita é um ato de mudança estrutural. O escrever pode ocorrer em um novo suporte de escritura, quando esta ação apoia-se e é suportada por outras ferramentas e interfaces gráficas. Já não produzimos escritas neste mundo, em que as formas de comunicação estruturam-se com tecnologias digitais, apenas do mesmo modo que antes. O modo como cada experiência emerge define formas cognitivas. Ato de escritura se produzem e reconfiguram uma experiência.

Passar a escrever em outro cenário produz uma mudança estrutural que pode referir-se tanto às experiências singulares das pessoas, como às mudanças nos modos de cognição e de configuração de escritas em redes digitais. Nesta perspectiva, é fundamental compreendermos que aqui analisamos deslocamentos e transformações em uma experiência e esta permanece sempre em um domínio operacional para aqueles nela envolvidos.

Temos uma escrita coletiva e podemos identificar deslocamentos nos modos de composição, ao mesmo tempo em que temos processos que se referem à dinâmica operacional de cada estudante. Isto significa que, mesmo em contextos de produção coletiva, não podemos desconhecer processos que são únicos para cada sujeito. Em se tratando do ato de escrever, está em questão modo de linguajar em que nos constituímos na convivência.

Em uma dimensão, uma escritura considera percursos e inscrições que surgem em um domínio cognitivo quando explicamos a experiência. “Domínio ou território significa um âmbito procedural, operatório, no qual certos procedimentos têm validade para determinada comunidade de observadores” (Maraschin, 2004, p. 103)⁽⁷⁾.

Neste contexto o presente estudo que traz a interação dos professores em blogs em uma experiência de autoria e de potencialização do conhecimento, nas redes de escrita digital como um modo de linguajar, de viver e de sentir no seu fazer docente.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo constituiu-se de uma pesquisa intervenção de natureza qualitativa porque se propôs a trabalhar com os processos de conhecimento-subjetividade que compõe a experiência de professores. A pesquisa é do tipo intervenção porque traz uma aproximação com o fenômeno investigado compreendendo o desencadear de uma experiência para poder observar e analisar como vivemos algo numa experiência empírica em espaços de formação.

O caminho percorrido foi a proposição de oficinas e estudos que ofereceram possibilidades de perceber a inseparabilidade entre o fazer pedagógico e a humanidade que compõem os objetos técnicos envolvidos nas ações humanas, visando fundamentar estratégias de utilização de recursos informatizados no processo pedagógico.

Essas oficinas tiveram como propósito trazer à reflexão inquietações e experiências do viver de profissionais da educação para que se percebessem como autores no mundo digital, apreendendo várias linguagens para potencializar o seu percurso de invenção.

As experiências produzidas a partir das inscrições produzidas no transcurso da experiência com as escritas produzidas nos blogs, trouxe-nos dados que se relacionaram às concepções de tecnologia que emergiam e se transformavam na experiência. A metodologia favoreceu processos de autonomia, interconexões, invenção de si e do conhecimento, além de outros caminhos subjetivos nos percursos dos sujeitos da pesquisa.

Ao final, buscamos compreender se as articulações com as tecnologias informáticas estimulam a tessitura destas redes de conversações escritas no ambiente digital num exercício de autoria em um contexto de aprendizagem colaborativa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os professores nos percursos de formação propostos pelos Núcleos de Tecnologias Municipais produzem blogs. Estes configuram modos de exercício da função autor em um espaço de produção em redes digitais, favorecendo ainda que professores tornem visíveis em uma construção hipertextual as suas práticas educacionais em interação com tecnologias da informação e da comunicação.

Durante o transcurso da experiência de escrita digital podemos observar e analisar o que emerge na rede de conversações escritas. Recursivamente, os professores olham para algo já feito e, assim, passamos a refletir no próprio fazer sobre o que implica a experiência de escrita digital:

Essa experiência de produzir em rede digital nos oportuniza aprimorar conceitos e práticas envolvendo recursos tecnológicos dentro do trabalho docente, como também a satisfação pessoal em utilizar-se de uma rede digital, que a cada dia aprimoram e facilitam o cotidiano das pessoas nas diversas atividades pessoais e profissionais. Sendo assim, no decorrer dos encontros semanais empreendemos dedicação e esforço para realizar as atividades apresentadas pela tutora Fátima e desejo que o que foi apreendido, esteja cada vez mais presente no trabalho em sala de aula para oferecer um ambiente educativo prazeroso e dinâmico.

Excerto nº 1 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a S. dez. 2011.

Temos uma experiência em curso que, em determinado momento, envolve professores do ensino fundamental na tessitura de uma rede de escrita digital. O que entendemos por *experiência*? Uma experiência se configura através dos fazeres que podem envolver uma pessoa ou mesmo um coletivo. É determinada por sua organização e sua estrutura, pois tudo o que se refere ao fazer constitui um “domínio cognitivo”. Nesta perspectiva, um domínio cognitivo implica em busca constante da manutenção da organização dos processos humanos que se sustentam em diferentes redes conversacionais, ao mesmo tempo em que novas circunstâncias podem provocar mudanças estruturais na convivência (Maturana, Varela, 1997, p. 162)⁽¹⁾.

Não somos como os *crístais*, temos uma estrutura que se transforma porque é dinâmica. Atlan (1979, p. 5)⁽⁸⁾ distingue uma característica do operar humano quando afirma: “As organizações vivas são fluidas e moventes”. Transformações na experiência, podemos observar no percurso da professora “C”:

As mídias são recursos que oportunizam mudanças e auxiliam na construção do conhecimento em sala de aula. Dessa forma, são aliadas do professor no processo de ensino e aprendizagem, contudo é preciso que tenham consciência das possibilidades didáticas de cada mídia disponibilizada. O blog me ajudou a utilizar ao mesmo tempo escrita, som e imagem, o que eu não costumava fazer, no máximo eu mandava alguns e-mails e fazia algumas pesquisas.

Excerto nº 2 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a C., outubro, 2012.

Ou ainda na imagem de um dos blogs das professoras destacado a seguir:

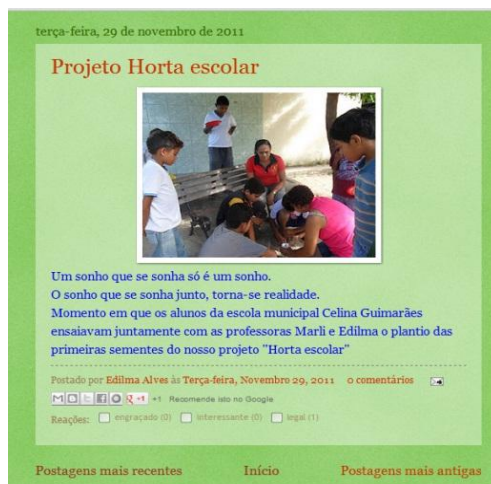


Figura 1: Foto postada após uma aula prática de ciências sobre solo
 Fonte: <http://edilma-bioed.blogspot.com.br/>

Podemos distinguir dois processos com a experiência de formação de professores, quando produzem blogs e utilizam esta ferramenta no trabalho docente e ainda quando referem-se à experiências em redes de conversações escritas digitais, dando visibilidade às mudanças que experimentam coordenando ações no ato de escrita digital.

A professora “S” incentiva espaços de autoria, digitaliza as atividades de leitura e escrita, posta no blog e as utiliza em aulas no laboratório de informática, apresentando-as no projetor multimídia para que as crianças possam conversar, explicar o que fizeram. Os alunos se mostram envolvidos, levando o endereço do blog para que pessoas da família acessem para visualizar as atividades postadas no ambiente.



Figura 2: Atividade de leitura e escrita
 Fonte: <http://tiasoll.blogspot.com.br/>

As atividades organizadas para favorecer espaços de escrita dos alunos foram postadas nos blogs dos professores: cartas, textos diversos, construção de recitais foram publicados, o que contagiou os alunos, potencializando ações inventivas em ambiente virtual.

A professora “E” utiliza o blog para postagens de atividades, mas amplia propondo orientações pedagógicas e textos afetivos que favorecem a produção da confiança nos potenciais cognitivos dos leitores do blog.

Esse é o começo de uma nova etapa na minha vida, uma possibilidade de uma nova forma de fazer a Educação com inclusão digital, essas aprendizagens construídas foram de grande valia na minha vida pessoal e profissional. A escrita tem um novo sentido para mim.

Excerto nº 3 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a E. dez. 2012.

A escrita, na concepção assumida nesse estudo, não se traduz simplesmente em um manejo de um sistema de códigos que serve para representar uma realidade independente do observador. Tomamos a escrita como um modo particular de linguajar, ou seja, uma experiência do viver em um domínio específico que se produz em redes de conversação escrita. Estas redes se configuram no contínuo entrelaçar do linguajar e do emocionar que é o modo de viver que nos distingue como humanos. Varela refere-se às diferentes ações linguísticas como uma teia em que desenhamos as nossas vidas:

[...] o ato de comunicar não se traduz por uma transferência de informação do remetente para o destinatário, mas sim pela modelagem mútua de um mundo comum por meio de uma ação conjugada: é a nossa relação social, através do ato de linguagem, que dá vida ao nosso mundo. Há ações linguísticas que efetuamos constantemente: afirmações, promessas, solicitações e declarações. Na verdade, uma tal rede contínua de gestos conversacionais que comporta as suas condições de satisfação, não constitui um instrumento de comunicação, mas sim a verdadeira teia sobre a qual se desenha a nossa identidade (Varela, 2001, p. 91)⁽⁹⁾.

Escrever implica em um processo de atualização do viver em redes de conversações, portanto, é um processo recursivo que se produz em um segundo tempo em relação a uma experiência primeira: podemos construir um escrever, por exemplo, ao fazermos uma pergunta sobre o viver como professores. Uma experiência já configura uma coordenação de coordenação de ações. Ao atualizar modos de pensar, viver e conhecer no ato de escrita, nas inscrições que deixamos sobre a tela dos computadores, sobre os *Ipads* ou sobre a folha de papel, podemos agir e refletir sobre o já vivido em espaços virtuais que inventamos ao escrever. Seguimos atualizando a vida e o conhecimento quando operamos com o escrever em contexto digital e, nesta circunstância, temos mudanças produzidas pelos objetos e artefatos técnicos inventados que temos à disposição.

A partir dos estudos de Simondon podemos compreender que a escrita digital opera em uma lógica de interconexão de elementos técnicos que não estão separados do processo de devir histórico que caracteriza o modo de viver do ser humano. (Simondon, 1958,1989)⁽³⁾.

A professora “M” escreve, dando visibilidade à como experimenta a construção de blogs e, neste fazer, encontra uma oportunidade de aprimoramento da prática de escrita digital, de exercício de autoria e de transformação do fazer docente.

O projeto desenvolvido pelo NTM, que objetiva a inclusão digital de professores está oferecendo alternativas para nós professores, aprimorarmos nossas aulas, trazendo tecnologia pra dentro de nós e para a sala de aula. Durante as oficinas, aprendemos a ver ferramentas, como projetor de multimídia (data show), tv, câmera, dvd, como alternativas de dar aulas mais significativas, com slides, fotografia tv, dvd e som. E agora estou aqui postando, pela primeira vez, no blog que acabei fazer, mas já o considero uma grande oportunidade de construir conhecimentos, novas formas de aprender e de ensinar.

Excerto nº 4 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a M., nov. 2012.

O escrever produz uma nova experiência na qual a primeira é tomada como objeto de coordenação, podendo ser ampliada com outros escritos, a partir das circunstâncias em que interagimos com outros. Passa certo tempo e retomamos o escrito. Como processo recursivo, somos também capazes de identificar diferenças entre as duas experiências (o viver uma primeira escrita e o viver uma reinvenção desta escrita).

São experiências como essa de oportunizar escritas e produções na internet que fazem com que a nossa admiração pelo mundo digital aumente a cada dia. Assim, poderemos somar esforços para que a cada dia consigamos

quebrar barreiras físicas e psicológicas para abrir espaços para construção de aprendizagens integrando currículo e tecnologias.

Excerto nº 5 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a M., nov. 2012.

Podemos realizar distinções quando estamos envolvidas em processos de escritas com outros - escrita coletiva - através da retomada do escrito e da consideração de perguntas novas que surgem como efeito da conversação escrita no coletivo. Podemos ainda modificar uma experiência anterior de escrita singular, quando nos situamos como observadores do nosso observar uma experiência primeira ou anterior de produção. Neste caso, escrevemos na busca de autocompreensão. Uma experiência de escrita vai se transformando em congruência com novas circunstâncias do percurso de produção. Podemos observar que nas ações de escrita em fóruns, professores podem identificar mudanças que experimentam, inquietações que são comuns ao grupo de colegas. O escrever permite compartilhar saberes em atitude de cooperação.

É tudo muito novo para mim, e por ser novidade estou tendo uma certa dificuldade, mas, nada que com muita vontade e perseverança não consiga corrigir. Conversando com os meus colegas, percebi que as minhas dificuldades são também parecidas com as deles, assim, poderemos descobrir juntos possibilidades de aprendizagens.

Excerto nº 6 – Conversação escrita em Blog Prof.^a G., out. 2012.

Como modo de linguajar, o escrever em redes de conversações produz este espaço em que o encontro torna-se essencial. O emocionar do acolhimento que Maturana distingue como “amor” implica em emoção fundamental que emerge em escrituras quando observamos a aceitação, o reconhecimento de si mesmo e do outro como legítimos nos modos de escrever, na convivência. A experiência de formação no NTM está em transformação, pois passa a considerar como essencial a escuta e o acolhimento dos saberes e inquietações dos professores, produz deslocamentos em uma trajetória tão marcada pela intensa demanda apenas referida ao como ensinar melhor as crianças.

A formação que privilegia espaços de conversação escrita digital em que os professores podem dizer de suas inquietações e perguntas configura espaço potencial para o desencadear de percursos de conhecimento e de reinvenção constante de si na docência. O amor como emoção de acolhimento e escuta, a alegria de estar com os outros em rede de escritas se colocam no lugar de exigências, temores, competições, emoções ainda tão presentes na área da educação. Os fóruns trazem formas de ações escritas em que emerge um sujeito em relação ao outro, todos legítimos com suas perguntas, saberes e não saberes, em interação.



Figura 2: Foto de uma atividade sobre reciclagem

Fonte: <http://tiasoll.blogspot.com.br/>

O viver sucede de maneira espontânea como experiência, tudo o que vivemos, vivemos como válido no momento do viver. Buscamos continuamente a manutenção da vida – organização -, ao mesmo tempo em que são deflagradas em várias dimensões do viver humano, mudanças estruturais. A manutenção da organização pode ser percebida ao observarmos que não precisamos fazer nenhum esforço para que o coração bombeie sangue, para seguir respirando, apenas para indicar alguns processos característicos da dimensão biológica que

participa da sustentação do viver. Tudo muda enquanto se conserva, neste caso, a organização é uma invariante.

Aproximando-nos mais precisamente de processos cognitivos como os *atos de escrita* que constituem um modo particular de linguajar, situamo-nos no domínio da linguagem em que organização e mudança estrutural igualmente se apresentam.

O envolvimento dos professores com tecnologias da informação e da comunicação oportunizou transformações na forma de ver, de sentir e de cooperar na educação em processos de composição escrita. Esses profissionais construíram conhecimentos e formas de aprendizagem no encontro com diferentes artefatos técnicos digitais.

Dentre os percursos vividos durante a experiência, temos este que podemos conhecer na escrita da Prof.^a “P”.

Com os recursos tecnológicos em sala de aula, os alunos passaram a se interessar mais, a prestar mais atenção, a questionar e interagir com mais propriedade e interesse. Há uma grande diferença em dar aula falando e escrevendo no quadro, para dar aulas interativas com projetor multimídia, recortes de vídeo baixados da internet para ilustrar, exemplificar ou revisar um conteúdo. Atualmente a tecnologia faz parte da minha vida pessoal e profissional. Sinceramente, interagindo com esses recursos me sinto outra professora, pois posso participar do mesmo mundo de que os alunos fazem parte e eles me admiram por isso.

Excerto nº 7 – Conversação escrita em Blog, Prof.^a P., out., 2012.

Nestas escritas, podemos observar o surgimento de uma experiência de mudança estrutural em que o escrever nos blogs favoreceu o conhecimento, transformações no emocionar em processos de conhecimento. Visualizar na rede de escritas as emoções relacionadas a um escrever que não favorecia o fluir em redes de conversação, aqui referindo às escritas muitas vezes solicitada nas escolas. Ao mesmo tempo percebem a acolhida e o reconhecimento que os outros colegas fazem do que cada um escreve, passam a experimentar o fluir na escrita como uma possibilidade em educação.

A perspectiva de formação priorizou espaços de escrita onde professores tiveram a oportunidade de operar com as tecnologias do tempo presente. O que escrevem nos blogs e nos ambientes de conversações escritas digitais ajuda a compreender a pertinência do trabalho que privilegia o contato e a produção com objetos técnicos os mais diversos: projetor, câmera, vídeos, internet, textos) com prazer. Entretanto, ao definir modos de fazer a educação, temos perspectivas em jogo, o que em nosso trabalho implica organizar espaços, ambientes em que professores possam realizar atos de escrita digitais e, neste fazer, compreender que temos ali indivíduos técnicos e processos cognitivo afetivos humanos em estreita interconexão.

Com os dados das conversações escritas nos blogs evidenciamos que a atividade de interação nas produções dos professores na convergência com mídias favoreceu a emergência de um protagonismo singular que é reconhecido pelos participantes e ainda consolidada no viver e no fazer na interface entre educação-tecnologias, contemplando as diferentes dimensões afetivas e cognitivas que nos constituem como humanos em congruência com outros humanos, mediados por tecnologias que passam a ser reconhecidos como extensão do humano.

5. CONCLUSÃO

Os estudos sobre as práticas de escrita, ao se deslocarem da perspectiva do escrever como representação do vivido, permitem pensar o ato de linguagem como tecnologia da inteligência e como modo de invenção de si. Entretanto, nos espaços de formação no ensino superior, vemos a preponderância do registrar, do responder à questões nem sempre tomadas como significativas pelos professores em processos de formação.

A perspectiva de se pensar a educação e o viver cotidiano a partir das construções de Henry Von Foerster (2003)⁽⁴⁾ – o olhar do observador -, Humberto Maturana e Francisco Varela (1997)⁽¹⁾ – autopoieses e acoplamento estrutural -, Gilbert Simondon (1958, 1989)⁽³⁾ – a

humanidade presente nas tecnologias inventadas em evolução, dentre outras construções da ciência, lançam desafios ao campo da didática, muitas vezes focado na perspectiva do ensinar e da transmissão. Através da escrita procuramos explicar os fenômenos que observamos, fenômenos que emergem desde as perguntas que nos fazemos. Ao explicar é que fazemos emergir algo, o próprio fenômeno, pois não existe em nosso viver como humanos possibilidade de que uma realidade anteceda o operar do observador a um acontecimento.

As professoras nas redes de escrita digitais experimentaram mudanças nas coordenações de ações que envolveram mudanças em ideias. Ao iniciarem a experiência de inclusão digital, muitos professores comentavam não ter afinidade com a tecnologia e, quando se perceberem postando em blogs, adicionando e baixando textos e imagens da internet, admiraram-se com as mudanças no envolvimento com objetos técnicos digitais. O escrever como modo de exercício de autoria se mostra com toda a potência quando professores constroem aulas para seus alunos convidando-os à aprendizagem no encontro com um conjunto de ferramentas digitais.

Construções de alunos e de professores foram postadas em blogs e, em seguida, apresentadas na sala de aula e visualizadas na Internet, o que envolveu mudanças nos gestos, nas emoções e nas ideias que se sustentam no espaço educativo. O temor e os sacrifícios, muitas vezes presentes por paixões que não tinham, pouco a pouco são substituídos por emoções como acolhimento da diferença nas formas de composição escrita e pela confiança no aprender.

Neste contexto, a escrita não é uma mera cópia, mas um modo de linguajar em uma rede de conversações que implica em várias coordenações de ações. Coordenar as ações no ato do escrever organizar um certo percurso explicativo a partir de uma experiência (uma pergunta sobre o viver); configura uma rede de conversação com o(s) leitor(es) imaginados, com outros escritores e consigo mesmo; produz-se uma recomposição das temporalidades ao atualizar o ato de pensar sobre o já pensado.

Assim, escrever implica em assumir *a função de observador* ao construir um caminho explicativo coordenando ações suas com os outros. Para que o efetivo exercício de autoria se atualize é necessário que se constitua um observador que relança um olhar e se faz perguntas que emergem na ação mesma da escrita.

Quando escrevemos algo, podemos realizar uma ação em que não apenas repetimos o já construído a partir do emprego em situações outras, pois uma operação recursiva surge em uma sucessão de estados e a reaplicação de uma operação se dá nas consequências do operar prévio. É como se um segundo observador focasse uma experiência primeira de escrever e, neste processo, fosse distinguindo algumas diferenças entre uma circunstância do viver-conhecer e as anteriores, quando da tentativa de explicar algo através da escrita.

É essencial compreender a estreita articulação entre os atos cognitivos, dentre os quais recortamos a escritura, e a invenção de si, sem o qual não estaremos tratando da potência humana de reinvenção da vida e do conhecimento.

-
1. Maturana H, Varela F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Editora Palas Athena, 1997.
 2. Fraenkel B. Actes d'écriture: quand écrire c'est faire. Paris : Maison des sciences de l'homme | Langage & société, 2007.
 3. Simondon G. Du mode d'existence des objets techniques. Paris: Aubier Philosophie, 1958, 1989, 336p.
 4. von Foerster H. Understanding. New York: Spring, 2003.
 5. Dupuy JP. Nas origens das ciências cognitivas. São Paulo: Editora UNES, 1996.
 6. Varela F, Thompson E, Rosch E. De cuerpo presente. Las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona, Espanha: Gedisa, 1997.
 7. Maraschin C. Pesquisar e Intervir. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre: v. 16, n. 01, p. 98-107, 2004.
 8. Atlan H. Entre Le cristal et la fumée: essai sur l'organisation Du vivant. Paris: Editions Du Deuil, 1979.
 9. Varela F, Conhecer: As ciências cognitivas, tendências e perspectivas, Instituto Piaget, Lisboa, 2001.